



A Crônica entre o Jornal e a Cidade: Uma Mediação do Espaço Urbano¹

Maria Isabel Gomes Rodrigues²
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este artigo propõe investigar a crônica enquanto uma forma de mediação da vida social presente no espaço urbano, no contexto da cidade de Belo Horizonte em fins da década de 1920. Discute a importância do jornal impresso na vida da cidade neste período e as relações que ele é capaz de estabelecer com o espaço urbano e seus habitantes. Ao considerar o jornal e a crônica como mediadores da vida social urbana, apresentamos estes elementos como produtores de relações e significados, através das crônicas da coluna *Saudades Daqueles Tempos*, veiculadas no jornal *Estado de Minas*, no ano de 1928.

Palavras-chave

Cidade; Cotidiano; Crônica; Jornalismo; Mediação

1- A Crônica: uma Narrativa do Cotidiano

A crônica pode ser considerada como uma observação da cidade capaz de se constituir enquanto uma narrativa polifônica, pela qual o olhar do cronista emana uma série de pontos de vista e impressões acerca de um fato, por vezes banal. A crônica se constitui, portanto, em uma narrativa urbana que dialoga com o contexto social que presencia. Melo (1994) destaca como as principais características da mensagem de natureza jornalística são a atualidade e a informação. Candido (1992) atribui à crônica estas duas características, pois ela é escrita a partir da observação do cotidiano e seu conteúdo é rico nas informações sobre os fatos observados.

Mais que um gênero literário e jornalístico, a crônica é um importante meio de informação que pode através de sua construção textual mais livre, ser um importante elemento de crítica social, capaz de constituir representações sobre o cotidiano da cidade, possibilitando perceber quais as relações sociais que permeiam o urbano e fazem parte de um contexto histórico. Os cronistas recolhem e esmiuçam o cotidiano das metrópoles, dando visibilidade a aspectos não antes percebidos, esquecidos ou ignorados. Muitas vezes, pelo incômodo que causa uma situação, ou mesmo pela pressa do dia-a-dia e pela atividade febril das grandes cidades. “As crônicas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior conseqüência, e, no entanto, não

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Jornalista e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista da Capes.
E-mail: isabelgomes@mail.com



apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social.” (Candido, 1992, p.17-18).

No início do século XX, o jornal impresso emerge como um veículo importante de comunicação no cotidiano dos centros urbanos. A partir da década de 1920, os jornais impressos brasileiros começam a se transformar em organizações empresariais, com redações hierarquizadas. O espaço dos jornais passa a constituir o capital das empresas jornalísticas, abrindo espaço para a publicidade e gerando a necessidade de uma atuação jornalística pautada por uma racionalidade técnica, objetiva, que se adequasse à nova configuração dos jornais, em função de sua racionalização e objetivação. Neste cenário, a crônica se mantém e encontra no espaço da cidade o lugar propício para se desenvolver e fazer surgir novos cronistas, que, em alguns casos, se tornariam importantes nomes para a literatura brasileira.

A figura do cronista aparece no ambiente urbano como a possibilidade de existência do *flanêur*³, capaz de extrair uma multiplicidade de olhares sobre o cotidiano da cidade, mimetizando-os em suas crônicas, trazendo à tona fatos aparentemente banais, mas capazes de causar reflexão, ou apenas divertir. Fernando Sabino citado por Candido (1992) revela a essência do trabalho do cronista tal qual o *flanêur* no exercício de sua *flanerie*.

Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. (Sabino *apud* Candido, 1992, p.19)

A forma de observação da cidade do cronista apresentada por Sabino (citado por Candido, 1992, p.19) é detalhada pelo urbanista Henry-Pierre Jeudy (s.d). Ao analisar uma obra do autor Jean Rolin, Jeudy (s.d) condensa em um parágrafo a essência do olhar *flanêur*.

O autor parece fundir-se em um tecido urbano que permaneceria inextricável se ele não desse nomes que, de uma maneira encantatória, evocam cidades conhecidas. O movimento de sua descrição, ao ritmo de sua observação detalhada, permite ir-se representando no pensamento do leitor toda a vida cotidiana em sua realidade imediata. (...) Cada situação surge e depois desaparece, cada visão da cidade delinea-se de acordo com uma realidade que advém, que marca, que capta e que se esvai em seguida dentro da noite dos tempos. (...) É a partir de um jogo da contingência e da determinação que o escritor cria as condições de expectativa de

³ *Flanêur* é a designação criada por Baudelaire e desenvolvida por Walter Benjamin para descrever o observador da cidade. Benjamin atribui à *flanerie* a base sobre a qual o jornalismo se desenvolve.



seu olhar. Essa disposição torna possível a singularidade da emergência dos acontecimentos mais banais. (Jeudy, s.d, p. 90-91)

Ao descrever a ação do cronista, o autor refere-se à possibilidade de uma construção de representação da cidade, por meio da observação e da narrativa de fatos cotidianos, capazes de dar a ver modos de vida urbanos e as significações do espaço da cidade. Jeudy (s.d) afirma que a cidade não é mais o cenário em que os fatos acontecem, mas ela própria aparece nas palavras do autor como geradora dos fatos. E é o olhar do cronista, com sua alma *flanêur*, que retira os fatos do tecido urbano e os transforma em fragmentos singulares do cotidiano, capazes de se constituírem como narrativa do urbano.

Pode-se ainda afirmar que, em alguns casos, a crônica se mantém em uma relação constante com a memória, da cidade e do cronista. Da cidade, no aspecto de sua relação com a imagem que é capaz de produzir; e do cronista, pelos componentes subjetivos que moldam seu olhar. A memória permeia o processo de criação das crônicas, sendo em muitos casos a essência principal da escrita do cronista. É ela que alimenta a percepção, a versão, a imagem da cidade ou dos fatos que são construídas pela crônica. Desta forma, estabelece-se um trânsito do olhar em via de mão dupla, entre realidade social, memória, história e crônica.

2- O Jornal na Vida da Cidade

Com a elaboração de uma pesquisa histórica, intenta-se buscar no passado do jornalismo, as razões que o levaram a se tornar o que é na atualidade. Williams (2003) entende a comunicação como um processo social baseado na troca e no compartilhamento de experiências vividas, que pode levar o sujeito a ressignificar sua própria experiência a partir da entrada de novos conhecimentos, de outras práticas culturais, do confronto de idéias e opiniões que podem proporcionar a adoção de novas práticas cotidianas. Para este autor, existe uma dificuldade de se estudar o passado, em função da dificuldade de se descobrir as relações que permearam determinada organização social (p.56). Ou seja, dada a distância temporal com o período estudado, surge o impedimento de se apreender as relações que permearam os processos comunicativos e as práticas sociais nessas épocas. Na investigação proposta, ao articular três elementos conceituais, a cidade, o jornal e a crônica, pretende-se abarcar as relações presentes no processo comunicativo no espaço urbano, haja visto que é neste local que a imprensa encontra um ambiente propício ao seu efetivo desenvolvimento.

Para se pensar a relação do jornal com a cidade contemporânea é importante resgatar a discussão proposta por Park⁴ (1976), na qual este autor define a cidade não somente como uma estrutura física ordenada geograficamente, mas como “um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”. (p.26). Então, a cidade não é somente um corpo físico, mas de uma teia das relações que seus habitantes estabelecem entre si e seu ambiente. A cidade é o ambiente das interações sociais, mas também seu produto.

A cidade se constitui como tal a partir dos usos e apropriações que os cidadãos fazem dela, que lhe permitem novas significações e geram relações de pertencimento. Devido à expansão das cidades e à intensidade da atividade de seus habitantes, em um cotidiano cada vez mais atribulado, os cidadãos se tornam incapazes de apreenderem a cidade como um todo, tendo de recorrer a modos de comunicação que permitem tomar conhecimento de outras realidades dentro do mesmo universo urbano.

Ele atribui a este desconhecimento do urbano em toda a sua complexidade o que faz com que “crônica diária dos jornais seja tão chocante e ao mesmo tempo tão fascinante, para o leitor médio, é que o leitor médio conhece muito pouco a vida da qual o jornal é um registro”. (p. 29). Neste contexto, a crônica no cenário urbano constitui o registro de relações sociais, o registro de experiências cotidianas que constroem a visão que é feita da cidade pelos seus cidadãos. Park (1976) destaca ainda que “o crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações diretas, face-a-face, ‘primárias’, por relações indiretas, ‘secundárias’, nas associações de indivíduos na comunidade”. (p.46). A essas formas de relações secundárias, podemos acrescentar o jornal, uma vez que, conforme o autor, a proliferação dos veículos impressos de comunicação no meio urbano impactou o controle de determinadas instituições, como a igreja e a escola.

Para ele, nas cidades, a sociedade é conformada pelas relações secundárias, tornando a opinião pública uma importante fonte de controle social. Como nos centros urbanos, cada grupo social tende a criar seu próprio meio, cabendo aos excluídos destes grupos se adaptarem às condições criadas, a moda termina por substituir os costumes e a opinião pública “se torna a força dominante do controle social” (p.60), transformando o jornal no principal meio de construção da opinião pública. Essa afirmação é justificada por Park (1976), segundo o qual “primeira função que o jornal preenche é a que

⁴ Park foi um dos mais importantes pensadores da Escola de Chicago e um dos fundadores da Sociologia Urbana. Este artigo dele é considerado um dos mais importantes de sua obra, tendo sido apresentado originalmente em 1916.



anteriormente o falatório desempenhava na aldeia” (p. 61). No entanto, ele ressalta que o jornal “não pode competir com o falatório da aldeia”, por estar sujeito a uma série de reservas não reconhecidas pelo falatório local, como a vida privada dos indivíduos.

Nesse sentido, podemos associar o que Park (1976) chama de relações secundárias ao conceito apresentado por Barbero (2001) de mediação, entendida aqui como o lugar onde a realidade se configura e as experiências acontecem. Ou seja, o jornal oferece uma possibilidade de construção da realidade e de conhecimento desta realidade aos habitantes da cidade, sendo produtor de realidades e de experiências. Ao colocar o jornal como uma organização instituidora de relações nos centros urbanos e mediador da vida social urbana, é conveniente retomar a concepção de Barbero (2001), que trata de relações que são estabelecidas no espaço urbano, levando em consideração a influência da comunicação e da cultura nesse contexto.

Este autor destaca o papel dos bairros como espaço informal para a discussão entre os atores sociais no contexto urbano. Dessas trocas simbólicas regionais, os indivíduos podem conhecer melhor seu ambiente e repensar a sua inserção frente à realidade e frente ao outro. Esse lugar social propicia o desenvolvimento das habilidades reflexivas no indivíduo, que o permitem interferir na sua própria vida e na vida de sua comunidade. Nesse sentido, podemos pensar o espaço urbano como lugar potencialmente reflexivo e a conversação da mídia, no caso de nossa análise, do jornal impresso, como uma forma de conversação social que interfere no modo de pensar e na ação dos indivíduos. Deste modo, apresenta-se o jornal e as relações sociais que se estabelecem na cidade como mediadores da vida urbana, assim como Barbero (2001) aponta que o discurso televisivo e os bairros da América Latina os sejam.

3- Belo Horizonte e a Vocação da Modernidade

Em nome da modernidade, o vilarejo de Curral d’el Rey foi totalmente destruído para ceder espaço à cidade que brotaria aos pés da Serra do Curral. Nascia então Belo Horizonte. A metrópole planejada, que à época de sua inauguração, em Dezembro de 1897, já contava com cinco periódicos semanais ou quinzenais em circulação. Inúmeros periódicos, inclusive diários surgiram nos primeiros anos da nova capital, mas foram em sua maioria efêmeros. A efemeridade destes veículos está relacionada a dois motivos principais: o amadorismo e a improvisação na redação e confecção dos jornais e a vinculação dos jornais e de seus proprietários à questões políticas e ideológicas, empregando as publicações como porta-vozes de suas convicções.

Quando se trata da década de 1920, pode-se observar uma dicotomia nos sentidos da modernidade belo-horizontina. Por um lado, há que se considerar a modernidade de sua estrutura planejada e a consolidação de um modo de vida urbano, marcado pela modernização dos serviços da cidade. De outro, deve-se observar a efervescência cultural do período. A vida cultural belo-horizontina do início da década de 20 era inspirada na vida cultural carioca e nos movimentos vanguardistas europeus, através da influência do modernismo paulista. No entanto, esta tendência à modernidade não elimina a contradição entre o passado do arraial de Curral D’el Rey, a tradição herdada de Villa Rica e o futuro, pregado pela urbanização e pelo espírito jovial da cidade. Nesta época, a Capital mineira possuía uma vida literária bastante intensa. Os escritores da nova Capital que se inspiravam no movimento modernista iniciado em São Paulo encontravam forte resistência dos defensores das correntes literárias tradicionais.

Reflexo da consolidação de uma vida urbana, a partir de 1919 tem início o que Linhares (1997) classifica como “grande imprensa” em Belo Horizonte. O surgimento de novos jornais ilustra a modernização da imprensa na capital. Três importantes periódicos aparecem neste contexto: o *Correio Mineiro*, que circula de 1926 até a década de 30, o *Diário da Manhã*, que circula durante o ano de 1927 e, no ano de 28, *O Estado de Minas*. A história deste último pode ser dividida em duas fases. A primeira fase inicia-se a partir de sua fundação, em março de 1928 e dura até o mês de maio de 1929. A segunda fase de *O Estado de Minas* tem início quando, conforme aponta Linhares (1997), a sociedade anônima passou ao controle dos *Diários Associados*, o principal grupo de comunicação brasileiro até meados da década de 1960⁵.

A cidade burocrática pela sua destinação, apesar do crescente movimento de urbanização de aumento populacional das décadas de 1920 e 1930, ainda mantém as características de uma cidade pacata e tranqüila.

A imprensa em Belo Horizonte, nas décadas de 20 e 30, era pelo menos alegre. Se lhe faltavam recursos técnicos (...) sobrava-lhe, em compensação, uma faculdade inapreciável, posta a funcionar sempre que escasseavam as notícias locais – e notícias locais quase sempre teimavam em não acontecer. Então inventava-se. (...) De resto, grande parte do pessoal das redações era constituída de funcionários públicos, que não podiam arriscar-se a dizer mais do que convinha. (Drummond de Andrade citado por França, 1998, p. 112)

⁵ A partir de junho de 1929, *O Estado de Minas* passa a ter sua denominação atual: *Estado de Minas*. Cabe ressaltar que o *Estado de Minas* permanece em circulação até os dias de hoje e ainda faz parte dos *Diários Associados*.



Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, encontramos uma contraposição para tratar da vida e do jornalismo na capital mineira deste período. O experimentalismo do jornalismo belo-horizontino apresentado nesta passagem refere-se a um jornalismo profissional, fundado sob a idéia da modernidade jornalística⁶, pelos formatos textuais e pela constituição de empresas, ainda incipiente e não consolidado.

Durante as décadas de 1920 e 1930, a imprensa e a cidade de Belo Horizonte encontravam-se em pleno desenvolvimento e consolidação. Observa-se neste período que paralelo à consolidação de um fazer jornalístico cada vez mais profissional, baseado na idéia da modernidade jornalística, tem-se nessa cidade uma especificidade que nos chama a atenção, a marcada vinculação do jornalismo a questões políticas, apesar de sua constituição como empresa.

4- A Coluna *Saudade Daqueles Tempos*

No final da década de 1920, a expansão urbana e a proliferação de bairros ao redor de Belo Horizonte fazem o perímetro urbano ganhar novas dimensões. Segundo Penna (1997), Belo Horizonte encerra o ano de 1928 com 101.283 habitantes, cerca de 86 mil metros quadrados de ruas com algum tipo de pavimentação e aproximadamente 12 mil crianças matriculadas em estabelecimentos públicos primários.

Uma das edições da coluna *Saudades Daqueles Tempos*⁷ publicada no ano de 1928, remete ao ano de 1902, quando Belo Horizonte contava 15.177 habitantes, cerca de 36 mil metros quadrados de ruas com pavimentação e aproximadamente seiscentos alunos matriculados nos cursos primários. Esses elementos tornam claro a que tempos se refere a coluna de Noronha Guarany. A Belo Horizonte palco de sua juventude não existia mais, deu lugar a uma metrópole em franca expansão. Se em 1902 as principais obras eram para estimular a instalação de indústrias e fábricas na Capital, exterminar cães vadios e calçamento de ruas, demonstrando uma predisposição ao progresso, as obras da cidade no ano de 1928 registram a inauguração da iluminação ornamental das zonas central e comercial da cidade e a abertura dos cursos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Neste contexto, a saudade que intitula a crônica remonta a um tempo em que a urbanidade ainda carecia da ênfase moderna e da agitação de uma metrópole com

⁶ A idéia da “modernidade jornalística” aqui apresentada parte do pressuposto de que a transformação do jornal em empresa alterou o modo de se fazer jornalismo e o formato do texto jornalístico. Conforme Marcondes Filho (1989) define a notícia no seu formato atual, como uma informação adaptada “às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (p.13).

⁷ Coluna com crônicas de autoria de Noronha Guarany.



valores cosmopolitas e urbanos, que Belo Horizonte já havia conquistado no ano de 1928. A confirmação da vocação para a modernidade que balizou inclusive o projeto de construção da cidade, se concretizou no decorrer da década de 1920 e refletiu-se em vários aspectos da vida na Capital mineira, sobretudo na imprensa.

O jornal *O Estado de Minas* surge em 07 de março de 1928, com o intuito de fazer em Belo Horizonte um jornalismo centrado na idéia da modernidade jornalística e tendo a informação como prioridade. Pode-se perceber a presença da crônica nesse diário em seções e assuntos bastante diversificados. Nos relatos dos correspondentes do interior, encontra-se a caracterização de uma crônica de viagem, com o relato das impressões acerca das localidades. Interessante também é a presença da crônica na coluna *Vida Social*, dedicada a retratar os costumes da alta sociedade belo-horizontina em prosas descontraídas e alegres sobre a vida cultural e social da cidade. Uma semana após o início da circulação de *O Estado de Minas*, começa a ser publicada neste diário a seção *Vida Suburbana*. A aparição desta coluna reflete uma vida agitada, sob outros aspectos, nas áreas mais pobres da cidade. Nesta seção, figuram assuntos da vida da metrópole que passam despercebidos pelos cronistas, como, por exemplo, o preço das passagens de ônibus.

O jornal apresenta duas realidades dentro da Belo Horizonte de 1928. A crônica retrata a Belo Horizonte da elite, em uma cidade sem mazelas sociais e podemos, neste caso, pensá-la como elemento explicitador, mesmo que ingenuamente, da segregação sócio-espacial presente inclusive no projeto da nova Capital. Os cronistas, ao ignorar os acontecimentos da vida cotidiana nas áreas mais pobres, reforçam esta segregação sócio-espacial da cidade.

Para abordar um outro aspecto em que a crônica aparece no primeiro ano do jornal *O Estado de Minas*, observa-se a existência de um espaço fixo dedicado exclusivamente à crônica de um tempo passado da cidade, que evoca a memória de uma Belo Horizonte tranqüila e pacata. A coluna *Saudades Daqueles Tempos* circula entre 07 de março a 30 de outubro de 1928, num total de 24 edições, todas de autoria do advogado e jornalista Noronha Guarany. Em suas crônicas, o autor aborda a nostalgia dos idos de sua juventude, retratando em alguns momentos a vida acadêmica na Faculdade de Direito, em outros a participação dos estudantes na vida de uma cidade que ainda engatinhava rumo ao progresso.

Achamo-nos em pleno mês de março de mil novecentos e seis...

A vida da nossa formosa Capital, então em suave desenvolvimento, apenas com suas quinze mil almas espalhadas por essa grande extensão que forma o mapa da cidade, rodava folgadoamente pela rua da Bahia, da esquina da rua Guajajaras até a avenida Afonso Pena. Nesse trecho pequenino, dos poucos que oferecem calçamento sofrível agitava-se toda a vida social e intelectual daqui. (*O Estado de Minas*, 09 mar.1928, p. 08)

Na primeira crônica de *Saudades Daqueles Tempos*, em 09 de março de 1928, no intento de contar um curioso episódio ocorrido com ele no ano de 1906, o autor percorre nostalgicamente o traçado da cidade rememorando os estabelecimentos comerciais, pontos de encontro e figuras importantes da cidade, deixando para a edição seguinte o caso da exposição de um famoso pintor.

Na edição datada de 13 de março de 1928, o autor narra o episódio em que na ocasião da abertura da exposição do pintor Alberto Delpino, o ainda estudante Noronha Guarany julgava não possuir vestimentas adequadas para freqüentar tal ambiente. Por sugestão de seu amigo, o advogado e jornalista Abílio Machado, que há tempos havia o presenteado com um casaco de lã, resolveu usá-lo para ir à exposição. Mas o dia estava quente, com “um sol brilhante, senegalesco” (p.02) Guarany aparentava estar com febre, pois estava com o rosto bastante vermelho e encharcado de suor, quando o então prefeito Antônio Carlos ao cumprimentá-lo perguntou: “- Muito constipado, não?” (p.02)

É interessante observar que todas as colunas têm início resumindo o assunto da crônica da edição anterior, para que o leitor não fique deslocado, porque muitas vezes, as crônicas têm uma continuidade na edição seguinte. Na coluna do dia 22 de março de 1928, Noronha Guarany conta do aparecimento de um jornal maledicente na Capital, *O Prego* de 1902. Em uma de suas poucas edições, este jornal de “linguagem violentíssima” (p.02), dedicou-se a atacar um professor da Faculdade de Direito admirado pelos alunos por sua austeridade e competência. Nesta crônica, o autor relata as manifestações de indignação dos alunos para com o artigo difamante, fazendo uma homenagem ao mestre.

Em 03 de abril de 1928, a coluna *Saudades Daqueles Tempos* conta outro episódio da Faculdade de Direito, cujo personagem principal é o professor da crônica anterior, desapontado com alguns resultados da banca de exames da turma do primeiro ano da Academia. Narra também as aventuras e desventuras dos estudantes pela cidade. Os tempos acadêmicos são destaque também na edição de 11 de abril de 1928.

No dia 18 de abril de 1928, Noronha Guarany nos presenteia com uma rica crônica sobre o Carnaval de Belo Horizonte no ano de 1902.

Achamo-nos em pleno Carnaval do ano de 1902. A cidade de Belo Horizonte, ainda na sua infância risonha, com sua vida primitiva de pequena população – Capital então, rigorosamente composta do elemento oficial acordava alegre e entusiasta para as festas de Momo.

(...) Todo movimento do carnaval se fazia na rua da Bahia, da esquina da rua Guajajaras, onde estava situada a Casa Narciso, até o cruzamento com a Avenida Afonso Pena, onde ficava o Acre, o melhor *restaurant* da época. (...)

O programa das festas era limitado e pouco variado. Consistia no coreto armado em frente ao Grande Hotel, com a banda de música, batalha de *confetti* e bisnagas, levadas a efeito pelas calçadas da Rua da Bahia, e uns bailes públicos de entradas pagas, no Theatro *Soucasseaux*. (...) (*O Estado de Minas*, 18 abr.1928, p. 08).

Após descrever em detalhes o Carnaval de Belo Horizonte no início do século, o autor fala do tratamento dado a esta festa pela imprensa da Capital, em especial pelo jornal *Folha Pequena*, que transformava “esse pobre carnaval uma esplendorosa festa de Nice, um delírio de grandeza e de apoteose” (p.08). Noronha Guarany descreve ainda o envolvimento dos estudantes de Direito com o movimento literário da Capital e sua participação no referido Carnaval. Junto ao amigo Abílio Machado, utilizando o codinome de Lyrius Azulado, compôs uma música tema para o desfile de um grupo de tipógrafos, cujo assunto seria uma charge aos nefebalistas⁸ da época, uma crítica aos “poetas da nova geração” (p.08). Guarany ressalta que embora admirador desse conjunto de novos poetas, ainda se alinhava com o ‘velho’ parnasianismo.

No dia 25 de abril, Guarany nos apresenta mais uma crônica sobre os tempos da Faculdade de Direito, com a publicação de dois capítulos do *Digesta*, que era o órgão de comunicação secreto entre os estudantes daquele início do século. Na edição de 01 de maio, continua-se a publicação dos capítulos do *Digesta*, com os capítulos 3, 4 e 5, comentando-os⁹. Em *Saudades Daqueles Tempos* de 08 de maio de 1928, Guarany retrata a vida acadêmica de Belo Horizonte no início do século XX

Bem sei que apenas buscava reviver as horas alegres de outros tempos, momentos distantes que passam diante de nossa imaginação cheia de uma saudade, que é um misto de alegria e de lágrima. Traçando-as no papel para a publicidade da imprensa, tendo apenas o fito de recordar para um pequeno núcleo de colegas e contemporâneos os dias risonhos da nossa juventude. (*O Estado de Minas*, 08 mai. 1928, p. 02)

⁸ Este termo é usado por Guarany para referir-se aos literatos belo-horizontinos que se inspiravam no modernismo.

⁹ O estado de conservação dos microfilmes referentes a estas duas colunas é muito ruim e não permite um apontamento mais acurado a seu respeito.

Explicitando o motivo da existência da coluna, ele revela o entrecruzamento da memória com a história, porque mesmo despreziosas em relação à informação, suas crônicas trazem uma imagem sentimental da cidade que ficou gravada no imaginário de uma geração e ajudou a reconstituir um passado que se dilui no tempo. Ao resgatar uma memória pessoal, o cronista acaba por desvelar uma memória coletiva, que é da cidade e de seus cidadãos. Nesse sentido, observa-se que o título da coluna remete à nostalgia da juventude, mas que traz a imagem de Belo Horizonte mais alegre nos primeiros anos do século XX.

Em 15 de maio, o personagem principal de sua coluna é o colega identificado apenas por M., que publicava versos ns jornais belo-horizontinos daquele início de século. No dia 23 de maio, a coluna trata de episódios da disciplina de Direito Romano, mas acaba por demonstrar a vinculação de advogados à feitura do jornalismo cotidiano. “Era secretário da Academia, o Horácio Guimarães, brilhante espírito, jornalista amestrado e cronista primoroso” (p.02). Desta passagem, pode-se inferir também que ao jornalista “amestrado” cabia a aplicação de uma técnica jornalística, da qual o cronista estava livre.

A religiosidade mineira e a relação dos estudantes com a religião é o assunto das crônicas de 05 e 12 de junho, traduzida na figura do Cônego Cyrillo, pároco da igreja da Boa Viagem respeitado e admirado pelos acadêmicos de Direito. Nesta última, o cronista narra também a existência de dois grupos estudantis que marcaram o início do século na nova Capital. Conta a história do ‘Grupo dos Maus’, formado por estudantes boêmios que se reuniam para beber e não raro se metiam em confusões (p.02). A outra turma de estudantes intitulava-se ‘Grupo dos Veleiros’, que freqüentavam velórios para velar os corpos e servir das bebidas que eram oferecidas nessas ocasiões, próprias para “esquentar o estômago e a cabeça”. (p.02) Ao narrar uma das aventuras do ‘Grupo dos Veleiros’, o autor descreve um bairro hoje tradicional e central da cidade.

Partimos para os lados da Lagoinha, a pé, caminhando pela poeira das ruas longínquas, sem habitações, as casas edificadas, com espaços enormes separando uma das outras, porque, assim eram os subúrbios de Belo Horizonte naquela época. (*O Estado de Minas*, 12 jun.1928, p. 02)

Em 10 de julho, a crônica de Noronha Guarany apresenta a atividade dos acadêmicos na vida social e cultural da cidade, definida em encontros no Hotel Minas. Em 24 de Julho, o cronista destaca a importância dos papéis desempenhados na vida



econômica política e cultural do Estado por vários contemporâneos da faculdade, boêmios dos tempos estudantis, figuras de renome estadual em 1928.

Na crônica do dia 21 de agosto, o autor fala da moradia estudantil da República do Acre e de seus habitantes, com seus “dias de glória marcados por festas originalíssimas” (p.02). Em 28 de agosto, a coluna *Saudades Daqueles Tempos* relata um cômico mal entendido ocorrido com uma lição de classe de certo estudante em um teste de Direito Civil. Em 11 de setembro de 1928, a crônica narra um episódio ocorrido durante a sessão cívica no Theatro *Soucasseeaux*. O autor abre a coluna com um apontamento curioso, que pode ser uma pista para a extinção desta seção pouco mais de um mês depois.

Se fosse necessário para manter essas colunas que a gentileza dos bons companheiros de *O Estado de Minas* desejam linotipadas para as terças feiras, um pouco de fel, bílis, certamente preferiria encostar a pena. Não está no meu temperamento agredir nem molestar.

Ajustando às minhas crônicas essa delicada discricção, em alguns fatos conto o milagre, mas oculto avaramente o nome do santo; em outros, falo no santo, mas não divulgo o milagre. (*O Estado de Minas*, 11 set.1928, p. 02).

Noronha Guarany afirma que resguardadas estas condições, ele continuaria a escrever suas crônicas até que se escasseassem os fatos de sua memória. No dia 18 de setembro, o assunto ainda é a sessão cívica do *Soucasseeaux* e a confusão promovida por um estudante. Em 25 de setembro o autor narra o alvoroço provocado pela hospedagem de uma Companhia Artística no Hotel Romanelli, tradicional ponto de encontro dos estudantes.

O mês de outubro inicia-se para a coluna *Saudades Daqueles Tempos* com uma crônica sobre a pensão de propriedade do Sr. Carlos Nunes e a vida estudantil naquela confortável hospedagem. Em 16 de outubro a coluna faz uma homenagem ao poeta Mamede de Oliveira, já falecido, que quando estudante era morador da República do Acre (citada na coluna de 21 de Agosto) e que deixava obra literária e poética de grande valia, segundo o autor Noronha Guarany.

No dia 30 de outubro, *Saudades Daqueles Tempos* circula pela última vez, com o assunto da participação na política estadual dos contemporâneos do autor na Faculdade de Direito. E o autor encerra a crônica com a seguinte frase: “Que saudades daqueles tempos...” (p.02).

As crônicas apresentadas são capazes de restituir a memória do cotidiano da vida na cidade, tendo como pano de fundo o desenvolvimento urbano e as relações que permeiam a construção da realidade, como um processo social, histórico e cultural.



Guarany aborda a relação da cidade planejada para ser um símbolo moderno com a modernidade e ressen-te-se do passar do tempo, que concretiza esta destinação. Enquanto Belo Horizonte do início do século XX esperava pelo progresso que lhe foi prometido, em 1928 a cidade está inserida em um contexto de modernidade.

Guarany, preocupado em não deixar diluir no tempo a história de sua geração, conta casos e acontecimentos que marcaram sua juventude e por meio desta narrativa resgata a imagem de uma Belo Horizonte criança, com a alegria da vida estudantil e em fase inicial de urbanização, de hábitos tranqüilos e ambiente pacato. A cidade sobre a qual ele escreve, no momento de sua escrita, tem uma vida social intensa, efervescente de movimentos artísticos e literários, com urbanização em franca expansão para atender à demanda da população cada vez maior. Em alguns momentos, é como se o autor olhasse para o passado, na tentativa de fazer a cidade voltar a ser o que era, conduzindo o leitor em uma agradável memória descritiva e sentimental da cidade.

5- Considerações Finais

O jornal apresenta fragmentos da realidade urbana que ajudam a constituir a imagem da cidade que é feita pelos seus habitantes. Dessa forma, é interessante pensar os cidadãos como autores e atores da cidade que habitam, através de suas relações uns com os outros e das relações que estabelecem com o espaço urbano, em um movimento contínuo que é a própria vida cotidiana. O jornal captura momentos efêmeros da existência humana imersos na teia de relações sociais que constitui a cidade. O jornal é, então, um modo de conhecer a cidade e seus habitantes.

A partir disso, apresenta-se a crônica como uma aproximação mais sublime entre o jornal e o cotidiano da cidade, capaz de refletir não só as relações sociais, mas também as formas de uso e apropriação do espaço urbano por seus habitantes em um dado contexto. A presença da crônica em *O Estado de Minas* tem espaços e assuntos variados, mas reforça a segregação sócio-espacial da cidade, abordando apenas a vida e a memória de uma elite social e intelectual. Na seção *Vida Social*, podem ser encontradas diariamente crônicas mundanas, dedicadas à abordagem de frivolidades e indiscrições da alta sociedade, em contraposição à *Vida Suburbana*.

Ao tratar o jornalismo como a possibilidade de uma escrita reveladora da imagem histórica da cidade, encontramos nas crônicas apresentadas na coluna *Saudades Daqueles Tempos* uma imagem construída pela memória pessoal, capaz de se constituir como um registro coletivo da história da cidade. Nesta coluna, publicada semanal ou



quinzenalmente pode-se observar crônicas que traçam o perfil histórico da cidade, com uma narrativa sobre o cotidiano dos estudantes na jovem Capital. Quando as crônicas são escritas, no ano de 1928, encontramos uma Belo Horizonte ainda jovem, mas que já reivindica para si certas tradições.

A crônica, no caso da coluna *Saudades Daqueles Tempos*, estabelece uma imagem nostálgica da cidade e torna viável identificar nos espaços fixos de sua aparição os traços de uma cidade construídos no alinhavo da memória e veiculado em um jornal que se pretende moderno. Neste caso, tanto o jornal quanto a crônica atuam no cenário urbano como mediadores da vida social, capazes de construir relações de naturezas diversas entre a cidade e seus habitantes.

Resgatar a história desta coluna é aprofundar na memória da cidade e de seus habitantes, é recuperar um passado que nos permite conhecer melhor os caminhos que levaram o jornalismo a ganhar as formas que possui hoje e a transformação da cidade e da sociedade. Mais ainda, é perceber como a crônica, enquanto uma inscrição da cidade no jornal se manifesta na reafirmação de uma saudade-identidade de uma metrópole em construção e de um cotidiano marcado, simultaneamente, pela aspiração à modernidade, pelos valores urbanos e cosmopolitas e também, contraditoriamente, calcado em tradições, principalmente religiosas e políticas.

6- Referências bibliográficas

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Cap. 2. pp. 271-334

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, 1992 p. 9-132

FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e Vida Social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

JEUDY, Henry-Pierre. *Espelho das cidades*. S.l: Casa da Palavra, s.d. pp. 81-157

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte 1895 – 1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995. 612 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para investigações do comportamento humano no meio urbano. IN: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.



PENNA, Octavio. *Notas Cronológicas de Belo Horizonte 1711-1930*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2003. pp.7-123.

6.1- Fontes

Acervo da Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 09 de março de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 13 de março de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 22 de março de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 03 de abril de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 11 de abril de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 18 de abril de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 25 de abril de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 01 de maio de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 08 de maio de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 15 de maio de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 23 de maio de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 05 de junho de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 12 de junho de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 10 de julho de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 24 de julho de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 21 de agosto de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 28 de agosto de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 11 de setembro de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 18 de setembro de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 25 de setembro de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 02 de outubro de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 16 de outubro de 1928. (HPEMG)

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: 30 de outubro de 1928. (HPEMG)